

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
LETRAS PORTUGUÊS

WADIH NASSIF JABER NETO

CONTOS ORAIS ANGOLANOS
Uma Análise Comparativa.

Brasília
2017

WADIH NASSIF JABER NETO

CONTOS ORAIS ANGOLANOS
UMA ANÁLISE COMPARATIVA.

Trabalho apresentado ao curso Letras Português da UnB -
Universidade de Brasília, para a disciplina Monografia em
Literatura.

Profa. Dra. Ana Claudia Silva

Brasília
2017

SUMÁRIO

Introdução	4
Desenvolvimento	6
Conclusão	29
Referências	31

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o livro *Contos Populares de Angola*, organizado por J. Viale Moutinho, utilizando-se dos critérios utilizados por Lourenço do Rosário (1989) em seu livro *A Narrativa Africana de Expressão Oral (transcrita em português)*.

O livro de Rosário é resultado de um trabalho perpetrado pelo autor para um estudo mais aprofundado do que ele chama de narrativa de expressão oral, utilizaremos o termo contos orais, uma vez que antologia de Moutinho (1994) utiliza essa nomenclatura, apesar de concordar com Rosário (1989) de que seu termo é mais abrangente, tendo como foco uma área específica para que o estudo pudesse abarcar a complexidade dos contos orais realizados no vale de Zambeze.

O trabalho não trata apenas de copilar uma série de contos orais de certa região africana, a parte mais importante do trabalho se foca em um estudo comparativo das narrativas coletadas em diferentes áreas de Zambeze, visando perceber não só as semelhanças, mas tentar verificar também as modificações em aspectos das narrativas e suas causas.

O conhecimento aprofundado da comunidade e da língua Sena, utilizada no vale do Zambeze, foram critérios de que fizeram o autor escolher aquela área específica para seu trabalho, levando em conta a importância sócio-cultural e história dos contos orais nas culturas africanas, tanto especificamente em Moçambique quanto em todo território do continente.

Afonso (2004) trata da importância dos mitos, e por consequência dos contos, para a cultura africana, e como, na África tradicional o mito tem como objetivo demonstrar ao homem seu lugar no mundo, e como o conto, como perpetrador do mito, serviria para passar adiante os conceitos sociais e as regras universais que regem o mundo e a sociedade em que é contado, tendo um lado muito mais prático do que apenas estético.

Desta forma, mais do que só para entretenimento, o conto oral na cultura tradicional africana tinha como função, transmitir conhecimento de como o mundo funciona, como ele foi criado, as regras que o regem, transmitir regras da sociedade em que o conto está inserida, assim como ensinamentos tradicionais passados de geração a geração, utilizando-se o conto como meio de transmitir essas informações de maneira mais didática possível.

Entretanto, como Rosário (1989) ressalta em seu texto, o texto não é estático, e o contador tem a liberdade de modificar o conto para adaptá-lo ao contexto sócio-cultural em que está inserido. E são estas modificações que são o foco de Rosário, o motivo e o objetivo destas modificações e como elas alteram o significado do conto.

Tendo como base no de Rosário e seu método, o presente trabalho visa realizar uma análise comparativa com os contos encontrados na antologia realizada por Moutinho, verificando não as diferenças das narrativas, por ser um apanhado de contos que não foi feito com base nos mesmos critérios do trabalho de Rosário, mas sim nas semelhanças, tentando verificar quais os pontos em comum entre os contos difundidos em Angola e Moçambique, verificando se as conclusões a que chegou Rosário em seu livro podem ser aplicadas a outras sociedades, com isso podendo estimular um estudo com a mesma profundidade que o do pesquisador.

DESENVOLVIMENTO

1.0 A Oralidade na cultura tradicional África.

Bâ (1999) demonstra através de seu texto a importância da transmissão oral para as culturas africanas, e seu papel como instrumento de transmissão de conhecimento através dos tempos passando de grandes tradicionalistas, pessoas que possuem conhecimento e renome social que lhe garantem confiabilidade para que possam transmitir estes conhecimentos sem por em questão a veracidade do que é transmitido.

Conta como a palavra é tratada como algo praticamente divino, e que, portanto, é respeitada de uma forma que sociedades não-africanas pouco podem compreender. A palavra tem, muitas vezes, origem divina e, portanto, deve ser tratada como tal, sendo a violação da verdade algo praticamente sacrílego.

A fala humana é considerada a materialização das vibrações das forças presentes no universo. A tradição confere a Kuma, a Palavra, um poder para destruir e para construir, a palavra pode desencadear guerras e firmar a paz. Por tais motivos, devido ao seu sentido mítico, devido a sua importância, a palavra é agente ativo da magia africana.

A magia africana é ativa pela fala, a fala humana tem poder de suscitar a força que se encontra estática nas coisas, visando restaurar o equilíbrio e restaurar a harmonia de um universo invisível cujas forças estão sempre em movimento e cujo desequilíbrio poderia ser sentido em diversos níveis.

A fala, portanto, mantém relação direta com a harmonia do mundo, faltar com a verdade, utilizar a palavra que tem o poder de movimentar as forças do universo, material e imaterial, seria o mesmo que causar um desequilíbrio nas forças naturais.

Para as culturas africanas, mentir significava corromper a palavra, e com a palavra a pessoa se corrompia. As palavras são transmitidas de uma pessoa a outra, do mestre ao seu discípulo, ao faltar com a verdade a pessoa colocava em jogo o nome de seu mestre também. A herança ancestral é um valor de suma importância para a África tradicional, mentir então, era um erro não só para a pessoa que mentia para o mestre que a ensinara.

Nas sociedades africanas tradicionais um respeito pela ancestralidade, ou seja, ao conhecimento passado de geração a geração pelos sábios, líderes, anciões para os mais novos com base em sua vivência ou em conhecimentos já passados por seus mestres.

Este conhecimento obtido através da vivência é transmitido de geração a geração através de rituais realizados por tradicionalistas que passam a vida a acumular

conhecimento com outros mestres tradicionalistas para que possa transmitir este conhecimento para gerações posteriores. Esta transmissão de conhecimento e costumes é feita exclusivamente de maneira oral, de forma que a palavra, novamente, possui um peso diferenciado para as culturas tradicionais africanas.

Como grande parte das culturas africanas não possuía uma linguagem escrita, a linguagem oral e a memória se desenvolveram para que o conhecimento, os costumes e tradições fossem passadas de geração a geração com o mínimo de transformação possível, de forma que é possível verificar certas regras e costumes sociais que são transmitidos a gerações com sua estrutura principal praticamente intacta, tal é o respeito que as sociedades tradicionais têm por suas tradições.

Enfim, o modo como as comunidades tradicionais africanas tratam a transmissão oral não perde em nada para culturas cuja transmissão é feita através da escrita, uma vez que a sociedade se compõe e trabalha de forma a manter os conhecimentos, costumes e tradições ancestrais o mais exato possível, visando manter sempre viva a tradição.

1.2 O conto oral como meio de transmissão de costumes.

Os mitos africanos possuem, mais do que apenas um aspecto artístico, um aspecto funcional em sua sociedade. Os mitos e contos africanos são meios de transmissão de conhecimento, das regras e costumes de uma sociedade de forma mais acessível e mais didática, uma vez que, segundo o próprio Rosário (1989) “através da narrativa, a memorização se tornar mais fácil por causa da curiosidade e do prazer.”.

Dessa forma, mais do que apenas entretenimento ou um estilo artístico, a principal função dos contos, na sociedade africana, é transmitir seus costumes de maneira que, uma vez que os indivíduos identifiquem e compreendem os conflitos que ocorrem nos contos, possam trazer esse conhecimento para sua vida quotidiana através da exemplificação.

O narrador dos contos então se torna um intermediador entre o conhecimento adquirido e os próximos a receberem o conhecimento. Essa mediação é de extrema importância, uma vez que os contos transmitem as regras e conhecimentos da sociedade, o não respeito dessas tradições ou corrupção destas tradições poderia por “em perigo a coesão e a sobrevivência histórica do próprio grupo.” (Rosário 1989, p.40).

Com a mudança sócio-cultural das sociedades africanas, entretanto, faz-se necessário que o narrador realize uma contextualização dos contos para que façam mais

sentido aos seus ouvintes, dessa forma é possível que, apesar do respeito pelas tradições, o narrador tenha que intervir em sua narrativa por algum motivo.

Essa mudança então deve manter a coerência do conto, mantendo seu sentido original, prezando pela tradição da sociedade. As alterações têm que ser pontuais, modificando sim aspectos da história, mas mantendo seu objetivo original intacto, sendo sobre essas mudanças e alterações que Rosário se debruça em seu trabalho.

2.0 O Trabalho de Lourenço do Rosário.

Lourenço do Rosário faz um apanhado de narrativas africanas de expressão oral no vale do Zambeze, seu trabalho tem como objetivo analisar e pesquisar os valores da oralidade que auxiliam a demonstrar a visão de mundo de comunidades étnicas em uma situação de revolução.

A área do Zambeze foi escolhida pois além de ter uma realidade etno-cultural única, os autores dominarem a língua falada no local. Afirma ainda que essa delimitação se faz necessária uma vez que seria impossível tratar o assunto em uma área muito extensa, já que as diferenças étnicas são demasiadas para serem desprezadas em um trabalho como este.

O objetivo do trabalho é estudar as como ocorrem as transformações, sejam estruturais ou de sentido, e como essas transformações são determinadas. Quanto às transformações, interessa saber como a mudança dos elementos constantes, presentes em diversos contos e diversas culturas, e variáveis, presentes apenas em certas culturas, refletindo características sócio-culturais da sociedade em que se encontra, ocorrem e como essa mudança pode influenciar o significado da narrativa.

A determinação das mudanças em sua abordagem tende a ser puramente sociológica, uma vez que o objetivo é averiguar os aspectos extra-textuais que influenciaram/influenciam as mudanças nas narrativas, uma vez que a narrativa oral tende a mudar conforme a sociedade se transforma, e essa mudança demonstra a natureza viva da narrativa oral.

Os métodos se dividem em dois: morfológicos e temático-antropológico. Morfológico as narrativas são divididas em: ascendente e descendente, quando o personagem principal, respectivamente, começa em uma situação precária e ascende ou começa em uma situação prestigiada e acaba em uma situação precária; Cíclicas quando, ao final da narrativa, não houve mudança qualitativa na condição do personagem principal, em

espiral quando, ao final da narrativa o personagem principal está em uma situação próxima à do começo, mas não igual; Em espelho quando há dois personagens vivendo uma situação similar, mas suas decisões geram recompensas ou punições; Cruzamento quando o protagonista se depara com antagonista e a recompensa de um resulta na punição do outro e a complexa onde se cruzam mais de um elemento dos acima citados.

Os elementos temático-antropológicos são divididos em quatro grupos: 1- Animais pequenos vencendo dificuldades com engenhosidade; 2- Pessoas fracas, abandonadas ou desprezadas triunfando em situações de extremo perigo através de engenhosidade, coragem ou por intervenção mágica; 3- Monstros antropofágicos que eventualmente são derrotados; 4- personagens, humanos ou não, que demonstram os hábitos da comunidade através de suas ações.

Quanto à interpretação o autor trata do modo como a narração constrói sentidos sobre questões sociais, conserva e veicula valores sócio-culturais do grupo, expressa os conceitos quanto a raças, criação do mundo, etnias, e, por fim, como a narrativa pode ser usada como um elemento de lazer e entretenimento. Tenta demonstrar como as transformações nas narrativas se adaptam no caso de influências externas, e como essa mudança é dada em um contexto de revolução, no caso de Moçambique, uma vez que a narrativa oral possui uma natureza mais conservadora.

2.1 A Antologia de Moutinho

A Antologia de Moutinho é composta por contos populares angolanos do folclore quimbundo, tendo como base a obra de Héli Chatelain que em 1894 publicou a obra bilíngue (quimbundo-inglês) “Folk-Tales of Angola” tendo uma versão bilíngue quimbundo-português em 1964, três anos depois do início da revolução armada para a independência de Angola.

Héli Chatelain fazia parte das Missões Independentes em África que tinha como comandante William Taylor, bispo norte-americano, quando chegou a Angola em 1859 Chatelain tinha como trabalho aprender as línguas faladas na região, criar dicionários, gramáticas, entre outros livros necessários, e ensinar aos missionários a língua para que pudessem se comunicar com os nativos.

Durante sua estadia Chatelain realizou a maior recolha realizada de contos angolanos que resultou em seu livro, base para a antologia de Moutinho. A coleta foi feita

com o objetivo de reunir o máximo de contos possíveis para registro da cultura angolana, não havendo um critério dos contos coletado, uma vez que quando maior o volume de contos, maior seria o registro.

A antologia organizada por Moutinho é formada por 16 contos da coletânea realizada por Chatelain, os contos não são divididos por temática ou por nenhum critério visível. A antologia parece ter como objetivo mostrar ao leitor um pouco da cultura e modo de pensar da Angola, uma vez que grande parte dos contos tem como objetivo passar uma lição de moral, um modo de pensar da cultura em que estão inseridos, modo de pensar, às vezes bastante destoante do modo com o qual estamos acostumados.

2.2 O Presente Trabalho.

Ainda que o trabalho de Lourenço do Rosário (1989) tenha um peso imenso e deva ser reproduzido em tantas comunidades africanas quanto fosse possível, não é o objetivo deste trabalho reproduzir seu estudo.

O principal motivo é a impossibilidade técnica e falta de material especializado para a reprodução. Mais do que uma antologia de contos, é uma antologia de contos focados nos níveis humildes da sociedade estudada com o objetivo de verificar as modificações causadas por uma situação sócio-histórica específica, o mesmo não acontece na obra de Moutinho.

A diferença é tão marcante que Lourenço realiza uma diferenciação temático-antropológica, que se mostra praticamente inútil para os contos da coletânea de Moutinho, sendo que apenas um conto se enquadra no tipo 1, nenhum conto se enquadra no tipo 2, apenas um conto se enquadra no tipo 3, uma vez que, ainda que apareçam monstros antropofágicos em outros contos do livro, nenhum é o antagonista principal da trama, tendo apenas um papel secundário, e apenas 1 conto estaria inserido no tipo 4.

O resultado é que a maior parte do livro não se enquadra nos critérios de avaliação de Rosário. Outro ponto que comprava a incompatibilidade das obras é a presença de contos de heróis na antologia de Moutinho enquanto Rosário (1989) afirma explicitamente que não irá inserir este tipo de narração uma vez que vai contra o ideal social de seu trabalho, que pretende captar contos que possam representar a população, enquanto que contos de heróis tendem a representar personagens de uma classe social mais elevada.

Desta forma, realizar uma análise igual à realizada por Rosário se mostraria infundada e incompleta, uma vez que aspectos da obra analisada iriam de encontro com o ideal do pesquisador.

Outro ponto que deve ser levado em conta é o momento em que foi feita a coleta das duas antologias. Enquanto que a coletânea de Rosário (1989) foi realizada em um momento revolucionário, tendo como um dos objetivos verificar a evolução das narrativas neste contexto, a coletânea realizada por Chatelain foi realizado em uma época de colonização estabelecida, em que não havia ainda um movimento efetivo armado de libertação e revolução, que no caso de Angola começaria em 1961, quase 70 anos depois da publicação do primeiro livro de Chatelain.

Dessa forma é-nos impossível realizar uma reprodução, entretanto, existem mais aspectos importantes na obra do Rosário. As análises dos textos, individualmente, e depois comparativamente, demonstram pontos em comum e aspectos importantes para analisar a importância do conto oral como mantedor da coesão social ainda que em uma situação diferente da criada originalmente.

Tendo como ponto de partida a análise e a interpretação realizada por Rosário (1989) iremos realizar uma análise individual e, caso seja possível, comparativa para que se possa verificar quais são os pontos em comum citados por Rosário e se suas conclusões, tiradas de contos em Moçambique, podem também ser aplicadas, em algum nível nos contos de Angola.

Quanto à organização da análise tomaremos como base também a organização utilizada por Rosário, com algumas alterações nos itens referentes aos elementos temático-antropológicos devido à variação dos contos da coletânea de Moutinho. Os três primeiros itens, 1-3, mantêm-se os mesmos, sem alteração.

O item 4 (personagens, humanos ou não, que demonstram os hábitos da comunidade através de suas ações) sofrerá uma pequena alteração para abarcar um número maior de contos. Incluiremos no item 4 contos que também contenham lições de moral para demonstrar o modo de pensar da cultura tradicional Angolana, fazendo com que se torne o item com maior número de contos inseridos.

Será acrescentado mais um item, (5), no qual estarão inseridos os contos de heróis que seriam personagens prestigiados que realizam grandes feitos. Haverá ainda mais uma

categoria sem número, pois possui apenas dois contos, não relacionados entre si e que não se enquadram em nenhum dos casos citados anteriormente.

Dentro dos critérios temático-antropológicos os contos não serão divididos pelas morfológicas, uma vez que não há contos o suficiente para que seja necessário haver tal distinção exceto no caso do item 4, o que faz tal diferenciação não ser tão importante quanto foi para Rosário. Ainda utilizaremos sua nomenclatura, entretanto, apenas para verificação da estrutura da narrativa.

Ao final da análise das categorias será feita uma análise comparativa dos dois trabalhos, verificando a que ponto podem ser aplicadas as conclusões a que chegou Rosário (1989) a outras realidades da África.

3.0 Análise dos Contos.

3.1 Contos de Animais.

O Leopardo, o Antílope e o Macaco.

ESP-I

Neste conto, o primeiro e único que colocaremos na categoria 1, é possível notar-se uma história espelhada, na qual dois personagens, no caso o antílope e o macaco, passam pelas mesmas situações, sendo que um, o antílope, acaba em um castigo, enquanto o outro, macaco, recebe o prêmio.

No conto o Macaco assume o papel que era usualmente utilizado pelo coelho no trabalho de Rosário. O Macaco, utilizando-se de sua inteligência engana o Leopardo e consegue se salvar de uma situação que acabaria com sua morte, assim como aconteceu com o Antílope. O Antílope, por sua vez, atua como um coadjuvante que serve como espelho do macaco, mostrando o que ocorreria se ele não utilizasse de sua inteligência.

No conto, o Leopardo serve como antagonista para os dois personagens, enganando-os, apesar de serem seus netos, o que resulta na morte do Antílope. O leopardo não possui, segundo Rosário (1989), uma caracterização fixa. Ele é normalmente retratado como antagonista, representando o papel de predador, que é enganado pelo animal menor e mais esperto e que acaba por receber o castigo, o que realmente acontece no conto.

A temática do conto é bastante retratada nos contos africanos: a esperteza do animal menor, que com inteligência, esperteza ou truques, se sobressai sobre animais maiores,

resultando em um benefício para o animal, o que no conto em questão é representado pela permissão do casamento do macaco com a filha dos sogros do leopardo.

A temática dos animais menores se sobressaindo aos animais maiores utilizando apenas sua inteligência é bastante utilizada, uma vez que passa a mensagem de que não importa seu tamanho ou sua força, possuindo inteligência, é possível se sair melhor que pessoas mais fortes que você.

A moral da história parece ser um tanto quanto atípica, uma vez que ensina a não obedecer cegamente às ordens dos mais velhos, ainda mais se levamos em conta que o Leopardo é o avô dos dois outros personagens, logo um membro mais velho da família, o que, segundo a tradição, lhe renderia o direito de ser tratado com respeito e obediência. O objetivo passa a ser então ensinar as pessoas a pensarem por si mesmas, independentes de uma pessoa mais velha mandá-las fazer algo ou não, evitando assim se prejudicar unicamente por seguir as ordens dos mais velhos.

3.3 Contos de monstros.

Os Filhos da Viúva

COMP-3

Este conto, também o único de sua categoria, é um conto complexo que apresenta em seu enredo duas histórias interligadas. A primeira conta a história de dois irmãos que, depois de perderem o pai abandonam a casa da mãe para trabalhar e acabam por enfrentar monstros antropófagos de muitas cabeças, a segunda conta a história de dois irmãos, os irmãos mais novos dos personagens da primeira história, e como acabam matando uma mulher que os acolhera e os tratava como filhos após serem instigados pelo espírito de seu pai.

A primeira história trata de um tema que é recorrente, segundo Rosário (1989), nas narrativas africanas, a história dos dois irmãos, apesar de estes não serem gêmeos e não trabalharem como antagonistas, na verdade, trabalham juntos para derrotarem os monstros Di-Kishi que moravam na casa que acabam por ocupar.

A falta do antagonismo entre os dois irmãos, ou mesmo a falta de uma diferenciação entre capacidade ou ideologia dos irmãos mostra uma diferenciação na estrutura básica dos contos de irmãos. Os contos de dois irmãos têm como estrutura básica uma diferenciação

entre os irmãos, na qual um assume o papel de falso herói que é salvo pelo segundo, ou um não segue as regras e é punido enquanto o outro, que segue, recebe uma recompensa.

Na própria antologia de Moutinho, existem contos em que o irmão se tornam antagonistas um ao outro por algum motivo, entretanto, nas duas histórias não há esse problema, os irmãos trabalham juntos para atingir um objetivo em comum, não havendo punição para nenhum dos dois.

A união dos irmãos na primeira história faz com que consigam derrotar os monstros conseguir uma casa e resgatar escravos e três mulheres, além de conseguir comida, sem que nenhum dos irmãos sofressem algum tipo de punição, sendo, pelo contrário, os dois agraciados com recompensas igualmente.

A segunda história remete à história de João e Maria, Hensel e Gretel no original alemão, na qual duas crianças, um menino e uma menina, se perdem em uma floresta, encontram a casa de uma mulher. É possível verificar uma possível invasão da cultura européia, uma vez que a história de João e Maria é bastante famosa, e possui diversos pontos em comum com a segunda história, essa similaridade pode ter sido exacerbada com o contato das culturas através do processo colonizador.

Na história de João e Maria as crianças acabam na casa de uma bruxa que os engorda para comer. Nesta história, não há nenhuma citação do intento da velha, entretanto, é possível inferir que o destino que velha teve seria o destino das crianças caso o menino não tivesse sido alertado por seu pai.

Vê-se novamente a importância da ancestralidade, de ouvir os mais velhos, no caso representado pelo espírito do pai das crianças que salva as crianças de uma situação potencialmente mortal. Potencialmente, pois, apesar de contextualmente ser possível imaginar a intenção da mulher, não há nenhuma outra indicação de malícia por parte da mulher. O fato de ser o pai das crianças que as alerta e passa a informação a seu filho sobre como proceder é que nos faz inferir que o procedimento da velha não resultaria em algo bom.

Os monstros nas duas histórias, não possuem nenhuma caracterização mais profunda, aparecem apenas como antagonistas ou obstáculos pelos quais é necessário se passar e, ao serem ultrapassados, fornecem aos heróis prêmios, na primeira história, moradia, mulher, escravos e comida, na segunda, comida, lenha e dinheiro para as crianças levarem à sua mãe.

3.3 Contos de Costumes e Moral.

O Passado e o Futuro.

ESP-4

Eis o primeiro conto da categoria mais extensa. Neste conto, é relatado um caso em que há uma contenda entre um vendedor de vinho de palma e dois viajantes que lhe pediram vinho. No conto o vendedor pediu que os sujeitos falassem seu nome, atendendo apenas o que se chamava De Onde Venho, uma vez que gostou do nome, deixando seu companheiro, Para Onde Vou, sem o vinho. A contenda é levada a um juiz que diz que o vendedor de vinho está errado, e que Para Onde Vou está certo, pois De Onde Venho já nada se pode obter.

Este conto, apesar de pequeno, é extremamente complexo em sua composição. Como dito anteriormente, as sociedades tradicionais africanas prezam por sua ancestralidade, pelo conhecimento passado de geração em geração, o passado é algo importante para o presente e para o futuro, portanto, não pode ser desprezado.

O conto, entretanto parece caminhar na direção oposta, ao afirmar que “De Onde Venho já nada se pode obter” há uma declaração clara indo contra os costumes, as tradições ao dizer que o passado nada pode fazer pelo indivíduo, enquanto diz ainda que “o que se puder obter encontrar está *para onde vou*” uma idéia claramente progressista, comum com o pensamento europeu.

Em seu trabalho, Rosário (1989) trata de algumas modificações que os contos africanos sofreram com o passar do tempo, devido ao seu contato com outras culturas, no caso deste conto é possível inferir-se que houve uma inversão, uma vez que os valores da ancestralidade, que deveria ser considerado mais importante, são desprezados no conto, como se deles não pudessem obter nada.

Um ponto importante a se notar é quem define a contenda é um Juiz, os juizes nas sociedades africanas são representantes da cultura dos colonizadores, ou seja, são representantes da cultura européia e não da cultura africana, e julgam os casos tendo como base os ideais europeus e não das culturas africanas.

O Vendedor de vinho então seria o representante dos costumes africanos, por isso prefere o primeiro, que faz referência ao conhecimento e cultura africana, enquanto que o juiz, representante da cultura européia, dos colonizadores, descarta os valores africanos, a

ancestralidade, os conhecimentos tradicionais da cultura africana, focando-se apenas no progresso, progresso esse que seria a colonização européia.

O conto então pode tanto ser uma crítica irônica à modificação do pensamento das sociedades africanas devido à incorporação dos costumes dos colonizadores, como, o que cremos ser mais provável, uma declaração que confirma que a cultura e o modo de pensar dos colonizadores estão se enraizando nos colonizados, a ponto de esse pensamento ser difundido em contos.

Pensamos ser mais provável pelo caráter utilitário do conto, uma vez que a ironia é um aspecto estético pouco utilizado em contos orais, uma vez que mais importantes do que entreter é transmitir um conhecimento, um modo de pensar, tendo isso em vista, é pouco provável que seja um caso de ironia.

Como não podemos saber onde foram colhidos os contos que constam na antologia, se foi na cidade ou no campo, quem contou, se o conto é difundido, não é possível realizar uma análise mais aprofundada do significado do conto, mas, através do conto, podemos perceber traços do pensamento colonizador sendo difundidos através de um meio que deveria ser restrito às tradições africanas.

O Sogro e o Genro.

ESP-4

O conto narra a história de um Sogro que depois de ter ofendido seu Genro recebe uma ofensa em troca. Após ser insultado o sogro entra em contato com um grupo de pessoas, chamados de os velhos posteriormente, para que possam julgar o caso pois já não deseja a amizade do genro. Após ouvirem os dois, decidem que só houve ofensa por parte do genro em resposta ao insulto do sogro, e determinam que voltem a ser amigos.

Ao contrário do conto anterior, este conto promove o retorno à cultura e costumes africanos, pois o modo como tratam o caso, e até mesmo a justificativa que usam, fazem alusão à cultura e tradição africana.

O caso em questão é julgado por seis pessoas que foram consultadas pelo sogro, posteriormente podemos ver que estas pessoas são chamadas de “velhos” ou seja, as pessoas consideradas aptas a julgar um problema entre a família são as pessoas mais velhas da comunidade que determinam quem está certo ou não.

Outro ponto a se salientar é o fato de os velhos argumentarem que o genro, por ser mais novo, apenas insultou o sogro por seguir seu exemplo como mais velho. Novamente consta aqui uma hierarquia em que os mais velhos possuem maior grau hierárquico sendo que os mais novos os utilizam como espelho, caso os mais velhos ajam de maneira indevida para com os mais novos estes irão reproduzir o comportamento.

O Kianda e a Rapariga.

COMPL-4

Neste conto, complexo do início ao fim, é retratada a história de uma jovem que é pedida em casamento por Kianda, um espírito das águas que comanda os peixes, é bastante famoso e aparece em diversos contos, que se apresenta sob a forma de uma caveira e pede para casar com a mais nova de duas filhas de uma mulher.

Após problemas iniciais com a irmã mais velha, que enche o interior da caveira de cinzas e a manda para o lago, Kianda volta e consegue a permissão para casar com sua prometida. Leva-a então para debaixo da água, enfeita-a, e retorna à casa da mãe da moça levando como presente um barril de vinho e um fardo de pano.

Voltando à sua casa, a mulher engravida, porém seu filho morre. Kianda fala então que não quer que sua sogra apareça no funeral de seu filho, entretanto a sogra aparece. Kianda então vai embora, chegando a um local onde havia uma rocha com uma porta, por onde entrou, desaparecendo.

A mulher procurou seu marido sem sucesso. Voltou então para sua casa, entretanto sua mãe todos da comunidade, deixando-a sozinha. Após um tempo sozinha, um Di-Kishi, monstro antropófago de duas cabeças, encontra a mulher encontra e a rapta. Após um tempo, ela dá luz a um filho de uma cabeça, o monstro a ameaça, falando que caso tivesse um outro filho só com uma cabeça a mataria. O segundo filho da mulher nasce com duas cabeças ela, entretanto, pega seu primogênito e foge, sendo devorada posteriormente pelo Di-Kishi quando é encontrada.

A história possui diversos pontos, começando pelo casamento tradicional. Apesar de o pedido de casamento, como será visto posteriormente, normalmente ter um intermediário, os outros aspectos remetem ao sistema tradicional do casamento em Angola. No caso, após a permissão da família da noiva para o casamento, esta se dirige à casa do marido, onde fica por um tempo, um período de experiência para que a família do marido verifique se ela está

apta a se tornar parte da família. Após isso, o homem dá à família da noiva um dote para consumir o casamento. O dote, ou alembamento é um meio, na comunidade angolana, de mostrar o valor que o noivo dá para noiva, é uma espécie de indenização pelos gastos que a família da noiva teve de seu nascimento até o momento do casamento,

Vale ressaltar que alembamento é um tipo de ritual que ocorre em algumas regiões africanas, cada comunidade pode ter um ritual específico, é utilizado aqui o alembamento por existirem diversas comunidades africanas no território angolano que utilizam este termo.

Os presentes que Kianda leva para a família de sua mulher representam itens que são considerados obrigatórios para o firmamento do casamento. No caso são pedidos peças de tecido específicas para a mãe, tia, avó e pai da noiva, aqui representado pelo fardo de roupas, e o barril de vinho representaria as bebidas caseiras que faziam parte do alembamento.

Após o casamento com a morte do filho, a mulher acaba por desobedecer ao marido que, em meio ao ritual do enterro de seu filho, pois é dito que o marido está dançando quando vê a sogra, que pediu para a noiva não convidar, a abandona.

A desobediência da mulher ao pedido do marido gera uma punição imediata, primeiro o marido sai de sua casa, depois todos da sua comunidade, incluindo sua família, morrem, a seguir ela é seqüestrada por um Di-Kishi que após ter um filho com ela a ameaça de morte, e após ter o segundo filho e fugir, é encontrada pelo monstro e devorada junto com seu primeiro filho.

O castigo pode parecer desproporcional, mas é um meio de ressaltar um traço do texto que seria a obediência ao marido. O marido é retratado como um sujeito rico, que dá tudo para esposa, entretanto, ao ser desobedecido desaparece e as coisas ruins se sucedem à sua mulher.

A Mulher Que desejava Peixe.

DESC-4

Este é o primeiro conto descendente na coletânea. O conto relata a história da mulher de Kamalauezu que ao engravidar perdeu gosto por comer carne, só comendo peixe, e pede para que seu marido vá pescar. Seu marido vai pescar, e após perder uma infinidade de peixes, pesca um peixe muito grande que falava, sendo que este peixe era seguido por

todos os outros peixes que cantavam enquanto o seguiam. O peixe então dá instruções sobre como ser descamado, e, após a mulher comê-lo, pois seu marido e vizinhos se recusaram a comer o peixe, ele começa a falar de dentro dela, perguntando por onde ia sair, acabando de sair pelo meio da mulher, deixando-a cortada ao meio.

O conto começa com os personagens em uma situação favorável, mas acaba com a mulher cortada ao meio. Contos descendentes têm como objetivo passar uma lição, uma vez que a o castigo vem após a personagem cometer alguma falha ou algum crime. Neste caso, o crime é comer o peixe.

O peixe parece representar alguma divindade, pois fala, é seguido por outros peixes que o seguem cantando, e mesmo enquanto o cozinham o peixe continua cantando. O fato de os outros convidados, o marido da mulher e os vizinhos, se recusarem a comer o peixe, deixa uma pista de que comer um animal que fala, canta enquanto o cozinham e traz junto consigo uma infinidade de peixes cantando, não era algo a se fazer, e esta transgressão acabou por matar a mulher.

O Leão é Forte Como a Amizade.

COMPL-4

Neste conto, um homem conversa com outro para tomar cuidado, pois há leões nas redondezas, o segundo fala que possui lança e espingarda, o primeiro afirma que mesmo com isso não será capaz de lutar com o leão. Após um mês o primeiro rapaz consegue um meio de se transformar em leão, vai até a casa de seu amigo na forma de um leão e destrói a casa, bate no amigo e vai embora. No dia seguinte ao questionar o motivo pelo qual o rapaz não lutou contra o leão o segundo rapaz solta a frase que dá nome ao conto “Leão é forte como a amizade”.

A última frase, título do conto, nos leva a tecer diversas interpretações. A primeira é que o rapaz não conseguiu lutar com o leão realmente porque ele é forte, e compara-o à força da amizade, sendo o ataque de seu amigo uma punição por sua arrogância no começo do conto, ao não levar a sério a força dos leões.

A segunda interpretação é que, ao comparar a força do leão à amizade, o rapaz pode ter descoberto de alguma forma que o leão era seu amigo, e que foi essa força da amizade que lhe impediu de atacar o leão. Esta interpretação tem uma base fraca, uma vez que no conto não há nenhuma indicação desta identificação, mas é uma possibilidade ainda que ínfima.

Outra interpretação ainda é que, uma vez que diz que o leão era forte como a amizade, o segundo rapaz estava, ainda que inconscientemente, fazendo uma crítica ao comportamento de seu amigo que atacou seu amigo apenas para provar que estava errado, e que não conseguiria enfrentar um leão.

Colocamos o conto como complexo, pois ainda que o segundo rapaz tenha ficado em uma situação pior do que começou, o primeiro ficou em uma situação igual, como ambos são os personagens principais, possui então uma dupla classificação. Não é possível classificar o conto como ampuheta pois o primeiro não é necessariamente o antagonista do segundo, e ainda que fosse, não fica em uma situação melhor, pré-requisito para a classificação.

O Rapaz e o Crânio.

DESC-4

Nesta história, um rapaz anda na rua, ao se deparar com uma caveira que sempre esteve lá, bate nela com um pedaço de madeira e fala que a caveira morreu devido sua estupidez, no que a caveira responde que, se morrera por estupidez o rapaz morreria por sua esperteza. Aterrorizado, o rapaz voltou para casa e contou o ocorrido, após afirmarem que ele mentia, afirmou que, se o que ele disse fosse mentira, poderiam cortar sua cabeça.

Voltaram ao local onde estava a caveira, repetiu o procedimento, mas nada ocorreu. Fez novamente, mas a caveira continuou silenciosa, o povo então revoltado decepa-lhe a cabeça por haver mentido. A caveira então fala que se a estupidez a matara, a esperteza do rapaz fora a causa de sua morte. O povo então percebe que o rapaz estava falando a verdade, o conto termina afirmando que os espertos e estúpidos são todos iguais.

Novamente temos um conto descendente, e novamente temos um conto em que a arrogância é punida. O rapaz, em sua arrogância causou sua morte, enquanto que a caveira foi morta por ser estúpida, por isso o narrador afirma que os estúpidos e espertos são iguais, no final, a esperteza e a estupidez são a causa de sua morte.

Os Dois Construtores

ESP-4

Neste conto, dois construtores de mesmo nome, um é um construtor habilidoso enquanto o outro é rápido, ambos estavam indo ao trabalho quando no caminho deu indícios de que haveria uma tempestade. Decidem então parar para construir um abrigo, o

construtor rápido terminou seu trabalho e entrou na tenda se protegendo da tempestade, o construtor habilidoso, entretanto, preocupado com a perfeição não conseguiu terminar sua tenda a tempo e morreu.

Os contos africanos têm papel utilitário, este é um caso explícito disso. No conto, o construtor habilidoso morre na tempestade por, ao invés de se preocupar com a construção de sua tenda para se proteger da tempestade ficou se preocupando com detalhes sem importância para sua sobrevivência.

Não que a habilidade e os detalhes não sejam importantes, mas existem momentos em que não são necessários, e esta é lição do conto, uma vez que o construtor rápido, que se preocupou apenas com seu abrigo e não com detalhes, sobreviveu.

O Filho de Kimanaueze e a Filha do Sol e da Lua.

ASC-4

Neste conto, o filho de Kimanaueze quer se casar com a filha do sol e da lua, entretanto, como esta mora no céu ele encontra um obstáculo, entretanto, com a ajuda da rã mainu, ele consegue realizar os rituais necessário, trazer sua noiva para a terra e casar com ela.

Este é o único conto que se encaixaria na categoria 4 sugerida do trabalho de Rosário (1989). Este conto trata do casamento tradicional em que são retratados os pontos mais importantes para que este ocorra.

Após decidir que queria casar com a filha do sol e da lua o filho de Kimanaueze tem dificuldades em encontrar alguém para entregar a carta a seus futuros sogros com o pedido de casamento, é nessa parte que entra a rã mainu que se propõe a levar a carta. A rã se torna então a intermediária entre o noivo e a família da noiva.

Nos casamentos tradicionais africanos é de bom tom ter um intermediário que apresentem a intenção de o rapaz se casar. É então tradição esse intermediário apresentar à família da noiva uma carta onde o noivo explicita seu desejo de se casar, existem locais em Angola em que são vendidos modelos dessa carta.

O Sol então responde a segunda carta do rapaz, pedindo o primeiro presente do noivado. Assim como no conto anterior, é mostrado o requisito do presente pela família da noiva. Entretanto, ao contrário do conto anterior, onde os presentes eram representações de

presentes tradicionais, neste conto os dois presentes são dinheiro, primeiro uma pequena quantia em seguida um saco de dinheiro.

Após entregar os presentes, e após um estratagema da mãe, o filho de Kimanaueze se casa com a filha do sol e da lua. O foco do conto são os rituais pré-casamento, da carta para a família da noiva, dos presentes, e sua importância, pois através dele até mesmo um humano consegue se casar com os filhos do sol e da lua, contanto que tenha o suficiente para o dote.

O Senhor Não-me-leves e o Senhor Não-me-digas.

DESC-4

Neste conto, dois homens, o senhor Não-me-leves e o senhor Não-me-digas, acabam mortos por não escutarem um ao outro. O Não-me-leves fica doente, e quando o senhor Não-me-digas se oferece para carregá-lo, o primeiro afirma que não pode ser carregado, é algo de sua família, seu amigo, entretanto insiste em carregá-lo, coloca em suas costas e começa a viagem para chegar a um médico, entretanto o Não-me-leves, a partir do momento em que foi posto nas costas de seu amigo se recusou a descer. O resultado é a morte dos dois amigos, que não comiam, ou bebiam nada, e não puderam descansar.

A história possui um ensinamento bastante explícito, o que é algo característico em alguns contos, neste caso, a importância de se ouvir o outro. Não ouvir o outro e levar em conta apenas suas próprias ideias, pode ter um desfecho desagradável. O nome dos personagens ajudam a deixar a mensagem mais clara, e a história, simples e direta também corrobora com o intuito.

3.4 Contos de Herói.

Sudila-Mbambi

COMPL-5

O primeiro conto sobre heróis tem diversos elementos que devem ser mencionados. Nele é contada a história de dois irmãos, gêmeos nascidos em circunstâncias estranhas, pois já nascem falando e assim que nascem constroem uma casa para seus pais, que, após o primeiro sair para enfrentar monstros comedores de gente, e traído, consegue escapar,

enfrenta então um monstro para conseguir a mão de uma donzela, mas acaba sendo comido, seu irmão então refaz seus passos, até salvá-lo, voltam pelo caminho, matam os traidores, e começam a morar juntos, entretanto brigam por causa de mulheres, tentam se matar e acabam indo um para cada lado.

O primeiro ponto a ser notado é que esta é uma história clássica de irmãos, que começam juntos e acabam se tornando antagonistas. O relacionamento entre os dois irmãos, o primeiro que parece um verdadeiro herói, mas tem que ser salvo por seu irmão, que seria então o verdadeiro herói, e acabam no fim se tornando antagonistas e até tentando se matar.

De novo são citados monstros antropofágicos que devem ser destruídos, e donzelas a serem entregues como recompensa, entretanto neste conto, o segundo irmão não fica com a donzela ao final, como usualmente ocorreria. Ao ser salvo, o primeiro irmão volta ao pai da donzela e consegue ficar com ela, que seria sua segunda esposa.

Seu irmão então, enciumado por não ter nenhuma mulher, pede uma das mulheres de seu irmão, que lhe nega. Acabam brigando porque o segundo irmão tenta seduzi-las.

Outro ponto interessante é a presença de uma árvore da vida, comum, principalmente em conto de heróis e irmãos, essa árvore está ligada à força vital de um dos personagens, e murcha quando o mesmo está em perigo, chegando a morrer caso o personagem a quem esteja ligado morra também, e é através dessa árvore que o segundo irmão descobre o perigo e sai ao resgate de seu irmão.

Por fim, o conto possui também elementos místicos, pois os dois irmãos são representados como a trovoadas e os ecos dos trovões. A história então tem uma função mítica e explanatória, uma vez que visa informar como foram criados as trovoadas e os ecos dos trovões.

Ngunza Kilundu Kia Ngunza

COMPL-5

Neste conto, Ngunza deixa seu irmão para ir a Luanda, após um tempo ouve que ele morreu, volta a sua terra para descobrir que Kalunga-ngombe o matou. Após capturar o assassino de seu irmão, o poupa da morte após Kalunga-ngombe afirmar que só mata quem tenta matá-lo, e o força a levá-lo até o reino dos mortos para trazer seu irmão de volta, entretanto este se recusa, pois o reino de Kalunga, reino da morte, seria melhor que a terra. Após isso Ngunza se muda, Kalunga-ngombe o persegue para matá-lo, entretanto, Ngunza

se transforma em um espírito Kituta, após lembrar Kalunga que este afirmou só matar quem tentava matá-lo e Ngunza não tentou matá-lo em momento algum.

Este é um conto atípico de herói, pois apesar de ter feito tudo que podia, subjugado o assassino de seu irmão, forçá-lo a levá-lo até onde seu irmão estava, no mundo dos mortos, este não quis retornar a terra.

Outro ponto interessante a ser notado é que, diferente das histórias de irmãos, neste caso é o mais novo que morre, ficando o mais velho responsável por salvá-lo. Não foi também, através de uma árvore da vida que Ngunza fica sabendo que seu irmão morreu, mas sim por uma voz que vem do vento.

A parte final mantém-se uma incógnita, pois não há motivo aparente para Kalunga-ngombe decidir matar Ngunza apesar de ter afirmado categoricamente que não matava quem não tentava matá-lo, assim como a transformação sem explicação em espírito Kituta.

Na Nzuá Dia Kimanaueze

COMPL-5

Este conto conta a história de um herói, este, entretanto, é filho único que após receber poderes míticos de animais que tenta ajudar no caminho, acaba por se casar com a filha do governador.

O conto é constituído de 3 partes. A primeira antes do nascimento, onde seus pais, após explorarem um criado para pescar, são chamados pelo senhor do rio, que fala que caso continuem pescando tanto, acabarão por acabar com seu povo, entretanto consente que continuem assim desde que o filho deles tenha seu nome ou se torne seu amigo, caso contrário morrerá. O filho não possui o nome do senhor do rio, e quando este chama o rapaz para ser seu amigo, Kimanaueze foge.

A segunda parte é o encontro na floresta com os animais que estão discutindo por comida. Kimanaueze é então chamado para dividir a comida, apesar dos seus esforços, matando seus animais e escravos para ter comida para todos os bichos, não consegue fazer com que todos como, entretanto estes, reconhecendo seu esforço, dão-lhe o poder de se transformar ao dizer a palavra teleji.

A última parte conta como é capturado por aquela que viria a ser sua mulher, na forma de pássaro, e, após ser descoberto pede acaba por pedir a noiva em casamento para

seu pai, que consente, desde que salve sua outra filha que está sozinha em Portugal. Após salvá-la Kimanaueze se casa com a filha do governador e consegue um cargo no governo.

O conto possui alguns pontos divergentes e outros convergentes ao que é comum. Na primeira parte, apesar de o senhor do rio ter permitido que eles continuassem a pescar, pedindo que seu filho fosse seu homônimo ou amigo, e os pais de Kimanaueze desobedecerem, não há nenhuma punição. A punição prometida, morte, não é cumprida durante o conto, sendo a ameaça esquecida assim que Kimanaueze sai de casa.

Na segunda parte o conto volta a seguir os padrões, uma vez que, ao ajudar os animais, ou se esforçar ao máximo para fazê-lo, Kimanaueze é recompensado com o poder de se transformar, o que acaba por ser o meio pelo qual ele consegue encontrar-se com sua noiva e cumprir a missão que é dada pelo governador.

A segunda parte parece ter sido inserida então para dar ao rapaz os poderes, seria como um interlúdio entre a fuga de e seu casamento, uma vez que sem os poderes de se transformar teria sido muito mais difícil salvar irmã de sua noiva e conseguir o cargo do governo e sua mulher em casamento.

Novamente na terceira parte, onde finalmente Kimanaueze age como herói salvando a filha do governador que foi deixada só em Portugal. O ato de heroísmo, auxiliado pelo poder de *Teleji*, garante ao rapaz o direito de se casar e a recompensa com o cargo do governo.

É possível se notar a interação entre o mundo tradicional e o mundo moderno, sendo o tradicional representado pela primeira e segunda parte, onde o senhor do rio, criatura mítica, aparece, os animais falam e dotam o rapaz de poderes mágicos, e a terceira parte onde o rapaz se encontra com o governador, que representa a modernidade, um cargo criado pelos colonizadores, e que representam um poder externo, sendo o cargo no governo a recompensa final além do casamento, o que mostra a importância que esse cargo possui.

3.5 Contos Não Abarcados Pelas Categorias.

Ngana Fenda Maria

COMP-?

O primeiro conto que não possui classificação, pois não é de animal, não é de herói, a personagem principal não é desprestigiada e não existem costumes ou lição de moral a serem aprendidos diretamente da história.

Este conto mostra a história de Fenda Maria, que, após ser exilada de casa por sua mãe ter ciúme de sua beleza, descobre que um rapaz extremamente belo está adormecido em um castelo, no caminho se encontra com avatares de Deus que lhe passa instruções de como deve agir para salvar Fele Milanda, o rapaz aprisionado.

Fenda Maria não cumpre todas as tarefas, e acaba por ser confundida por uma escrava de Kamasoxi, escrava que Fenda Maria havia comprado e que realizou a última tarefa que despertou Fele Milanda. Após muito tempo, Fele Milanda descobre o erro e casou-se com Fenda Maria.

O conto possui diversos pontos em que é possível verificar a corrupção sofrida pela cultura dos colonizadores. O primeiro fato é a mãe de Fenda Maria que pergunta todo dia a um espelho quem é a mulher mais bonita, e, quando descobre que sua filha é mais bonita do que ela acaba por exilá-la. É impossível não fazer um paralelo com a história de chapeuzinho vermelho, que começa praticamente da mesma forma.

Outro ponto a ser levantado é o fato de Fenda Maria é branca. Há aqui também um ponto que apesar de não estar explícito é possível notar, uma vez que as duas mulheres mais bonitas do conto são brancas, podendo ser realizada uma relação entre a beleza das mulheres e sua cor.

O terceiro ponto é a presença de Deus. Não é um deus, mas sim o “Senhor Deus”, uma referência clara ao Deus único cristão. Estaria então Deus substituindo uma divindade que haveria no conto original, ou em uma outra versão do conto, e que, devido a um intenso contato com os colonizadores e sua cultura, acabou por ser integrado ao texto no lugar desta divindade.

O quarto ponto que comprova os costumes colonizadores no conto é o fato de Fele Milanda ser português, sua família mora em Portugal, que ele visita após acordar, e onde, após ser avisado, começa a desconfiar da história de Kamasoxi, uma negra, que possui uma escrava, Fenda Maria, branca.

Há nesse conto outro elemento comum aos contos africanos, a presença de um ser divino que põe à prova o personagem principal através da imagem de diversas velhas que necessitam ser cuidadas no caminho e que, ao notar a bondade do personagem ou sua

obediência às ordens dadas, dá-lhe informações ou algum presente que lhe ajuda a alcançar seu objetivo, no caso do conto as informações para salvar Fele Milanda.

Há dois pontos a serem relevados no que diz respeito à classificação. Ainda que haja dois momentos em que é possível se notar uma lição de moral nenhuma parece ser o objetivo do texto. O primeiro momento é quando Fenda Maria, por não ter seguido as ordens à risca, se torna escrava de Kamasoxi, o que daria a entender que é-se necessário obedecer as ordens de Deus, ou de entidades divinas, caso contrário pode-se sofrer as conseqüências. Entretanto, o conto acaba com Fenda Maria se casando com Fele Milanda apesar de não ter seguido a risca as ordens, o que impede então que esta seja a lição da história.

O segundo momento é quando Kamasoxi é morta por ter mentido. Novamente, não parece ser essa a ideia principal do conto, o momento de sua morte é retratado em meio parágrafo e não é dada nenhuma atenção especial a esse caso, não é citada a mentira, enfim, não parece ser este também o objetivo do texto, portanto, não é possível dizer que o texto tenha como objetivo passar uma lição de moral.

É possível que a dificuldade de se caracterizar o conto se dê devido aos inúmeros elementos de origem colonizadora, que podem ter corrompido o conto de tal forma que seu objetivo principal se perdeu no tempo.

Mutelembe e Ngunga

COMPL-?

Neste conto é retratada novamente a história de dois irmãos, que neste conto vão caçar juntos, e que acabam por se transformarem em antagonistas. No conto, o mais velho, ao ser superado pelo mais novo na caça o mata e tenta oferecer seus intestinos a seus cães. Os cães se recusam a comer os intestinos de seu dono, e cantam o crime do irmão mais velho. Mesmo após matar os dois cães de seu irmão, seus espíritos continuam a cantar seu crime e acabam revelando-o em sua comunidade.

O conto mostra outra forma de ser retratado o tema da rivalidade entre os irmãos, neste caso com a morte do irmão mais novo devido ao ciúme do irmão. Não há nada de novo a acrescentar neste conto, apenas ressaltar o papel dos cães que se negam a comer os intestinos de seu dono e relatam o crime à sua comunidade mesmo após mortos.

4.0 Análise geral.

Ainda que, como citado anteriormente os trabalhos utilizados para a comparação sejam extremamente diferentes, é possível ainda verificar diversos pontos semelhantes, principalmente no que diz respeito à estrutura dos textos, suas temáticas e seus elementos.

Os contos dos irmãos são bastante recorrentes na antologia, ainda que tragam diversas diferenças do modelo tido como mais comum por Rosário (1989), o que demonstra que a rivalidade entre irmãos, ou a diferença entre os irmãos, é um assunto recorrente tanto nos contos tradicionais Angolanos quanto nos Moçambicanos.

Os rituais tradicionais também são tratados de uma forma bastante cuidadosa na antologia, principalmente o casamento, que possui dois contos em que é tratado o tema, sendo um com um cuidado muito maior do que o outro.

O ponto de maior destaque é a influência da cultura do povo colonizador nos contos Angolanos. É possível se verificar em mais de um conto diversos pontos de intensa influência da cultura europeia nos contos orais que deveriam reproduzir a cultura tradicional, mas que através do contato vão lentamente se modificando. Pede-se especial foco, neste aspecto, ao conto de Ngala Fenda Maria, onde a raça dos personagens, as divindades, e até mesmo a naturalidade de alguns personagens pertencem à cultura dos colonizadores.

É possível ainda se ver certos elementos como a árvore da vida e os contos com animais e divindades tradicionais africanas que parecem também ser recorrentes em contos de diversas culturas africanas.

A antologia possui um número bastante alto de contos em que lições de moral estão presentes, mostrando com isso o pensamento da cultura tradicional angolana. É possível atribuir a presença de tantos contos com essa temática ao objetivo da antologia que, segundo o próprio organizador, causará certamente surpresa ao leitor quando se depararem com os modos com que são tratados certos aspectos nos contos.

Logo, escolher contos em que estão explícitos tais pensamentos que poderiam causar surpresa, pode ter sido um meio do organizador para instigar a curiosidades dos leitores não africanos pela cultura angolana.

CONCLUSÃO

É possível verificar que existem diversos pontos em comum nos elementos constituintes das duas obras, o que mostra que há sim, nas culturas africanas, pontos em comum, independente da região, ainda que talvez só podemos realizar tal afirmação porque Moçambique e Angola não estão muito distantes entre si, e, mesmo havendo diferenças entre as culturas, há também a possibilidade de a relativa proximidade geográfica auxiliar nas semelhanças entre as culturas.

Os contos reunidos na antologia são, em sua grande maioria, contos com lições de moral, o que comprova o valor utilitário do conto, que é utilizado pelas comunidades para repassar costumes, reprimir comportamentos que não lhe são agradáveis, louvar certos comportamentos e ensinar também a importância de rituais e costumes da comunidade.

A morte como punição a diversas transgressões, desde as mais simples às mais ofensivas, ressalta o valor dado às regras e costumes das comunidades. Ao transmitir às crianças que ao transgredir qualquer regra a morte passa a ser uma punição provável, cria-se um medo e um respeito instintivo à sociedade, suas regras e costumes.

Há uma também grande diferença entre os contos tratados na antologia e no trabalho de Rosário (1989), tanto em sua estrutura quanto em sua temática. Ainda que diversos pontos em comum tenham aparecido, faz-se necessário explicitar estas diferenças.

O principal ponto a ser levado em consideração é a presença de elementos da cultura européia, que aparece em uma quantidade muito maior na antologia do que no trabalho. É possível que esta diferença se dê devido ao local onde Chestain recolheu os contos, é possível que a escolha dos contos por Moutinho tenha auxiliado na maior presença de contos com características européias, ao tentar coletar contos que podiam atrair leitores distantes da realidade africana, foram escolhidos contos nos quais pode haver identificação do leitor com alguns elementos.

Faz-se necessário, novamente, deixar explícito como a diferença no momento da coleta dos materiais e os critérios utilizados influenciaram o corpus dos textos. Enquanto os textos de Rosário (1989) fazem muita alusão à ascensão social, à batalha dos mais fracos para obter algo, os textos da antologia de Moutinho (1994) contêm textos que mostram o pensamento tradicional angolano, seus costumes, heróis e até mesmo um conto em que a personagem principal é branca.

Fica então o desejo de ter um trabalho com a mesma temática e feito com o mesmo objetivo do trabalho de Rosário em Angola, para poder-mos verificar realmente quão próximos ou quão distantes são realmente as realidades destes dois países.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Maria Fernanda. **O conto: um modo narrativo privilegiado em África.** In: _____. *O conto moçambicano: escritas pós-coloniais.* Lisboa: Caminho, 2004. p. 65-76.

BÂ, A, Hampaté. **A tradição viva** In: *História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África* / editado por Joseph Ki -Zerbo. – 2.ed. rev. – Brasília : UNESCO, 2010.

MOUTINHO, J. Viale. *Contos Populares de Angola.* São Paulo: Caminho, (1994)

ROSÁRIO, Lourenço Joaquim da Costa. **A Narrativa Africana de expressão oral: transcrita em português.** Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa; Luanda: Angolê, 1989.